

CURSO – MEDICINA/PINHEIROS



Sabrina de Castro Boscaroli

“Medicina é legal, mas será que vou conseguir?”

Sabrina de Castro Boscaroli graduou-se em Medicina na Pinheiros no ano passado e faz Residência em Clínica Geral no Hospital das Clínicas. Pretende ser professora e abrir consultório próprio. Nesta entrevista ela descreve a formação que teve no Colégio Etapa e na Medicina USP. Ela alerta os que pretendem seguir a carreira que Medicina exige muito, física, psicológica e academicamente. Para seguir a carreira ela resume: “Você tem que estar preparado para se dedicar muito”.

JC – Quando você se formou no Ensino Médio do Etapa em 2011, quais vestibulares prestou?

Sabrina – USP e Unifesp. Meu plano era focar mais nos cursos de São Paulo. Se não passasse ia pensar em outras faculdades no interior.

O que a levou escolher a Pinheiros?

Principalmente por referência de colegas. Aqui no colégio conheci várias pessoas que cursavam a Pinheiros e achei que seria o caminho melhor, pela estrutura, pelo Hospital das Clínicas.

Como foi sua chegada no Colégio Etapa?

Entre aqui no 5º ano do Fundamental, em 2005.

Como foi seu início aqui?

Foi um baque, pela carga de aulas e provas. Estava acostumada com aquele esquema de provas bimestrais, semestrais e foi bem diferente para mim.

Demorou para você se acostumar com o ritmo do colégio?

Não demorou muito não. Você vai se acostumando e vira uma rotina. Em um ano já estava adaptada.

Quanto à escolha da carreira, quando você pensou em Medicina?

Minha mãe conta que desde pequena eu falava que Medicina era legal. No Ensino Médio comecei a entender que Medicina era difícil. “É legal, mas será que vou conseguir?” Pensei em Engenharia, mas no final achei que tinha condição de entrar em Medicina e fui com tudo.

Quando você teve essa certeza?

No 2º ano.

Ao decidir prestar Medicina, mudou alguma coisa no seu método de estudo?

Já estudava bem desde o 1º ano, mas fiquei mais empenhada no 2º ano. Queria ir atrás do meu sonho.

No 3º ano, como foi?

Fiquei mais empenhada ainda. Estudei com mais afinco para as provas do colégio. Também tive o apoio psicopedagógico do Etapa. Foi montado um cronograma com um ritmo de estudos para eu não me perder no meio do caminho.

No Ensino Médio você conseguiu fazer atividades extracurriculares?

Sempre praticava esportes. Gostava de basquete e tênis de mesa. Depois do colégio, joguei basquete nos seis anos da faculdade. Aqui também fiz Estudos Humanísticos e um curso de Atualidades.

Como foi o início dos seus estudos na Pinheiros?

Foi outro baque. A gente entra pensando em já ter hospital, tratar paciente, mas eu fui do currículo antigo, na minha época não tinha hospital no início. Pensava: “Tanto esforço e estou aqui decorando Biologia de novo”. Era Bioquímica, Biologia Molecular, Histologia. E não tinha material como no Etapa. Você tem que ser mais organizada ainda, porque se programa sozinha. Indicam o livro e você tem de se virar.

ENTREVISTA

Carreira – Medicina

1

CONTO

As festas de Reis de minha prima – Raul Pompeia

4

ARTIGO

Mosquitos vetores de doenças ganham com redução de áreas verdes em São Paulo

5

ENTRE PARÊNTESES

Cinco quadrados

7

SOBRE AS PALAVRAS

Misturar alhos com bugalhos

7

ESPECIAL

Alunos do Etapa conquistam dois ouros, cinco pratas, três bronzes e duas menções honrosas na OBM 2017

7

Qual a diferença entre a grade curricular de sua época e a atual?

Na minha grade eram todos minicursos separados, você tinha aula de Biomol [Biologia Molecular] que não tinha nada a ver com Histologia. Cadeiras separadas. Hoje a ideia é juntar essas coisas em blocos. Então, em Sistema Digestório os alunos têm Histologia do Sistema Digestório, têm Biologia do Sistema Digestório, têm Fisiologia Clínica do Sistema Digestório. É uma visão mais geral de uma área.

Ficou mais interessante agora?

Fácil de entender. Ainda está engatinhando, mas ficou um pouco mais prático que na minha época.

Na sua época, quando você começou a ter contato com pacientes?

No 2º ano aprendi um pouco a examinar paciente, bastante interessante. No 3º e no 4º ano, ciclo clínico, tem as grandes áreas: Cardiologia, Pneumologia, Ginecologia. E você tem um pouco mais de contato com o paciente, mas não muito. Você vai ao hospital, examina um paciente, discute em grupo com os professores. É um negócio impessoal. Já no Internato, 5º e 6º anos, tem os estágios nas enfermarias do pronto-socorro e aí você tem um paciente que é seu. Além da responsabilidade, você aprende mais, se preocupa mais.

Ao longo do curso você chegou a questionar se sua escolha estava certa?

Do 1º ao 4º ano, nos ciclos básico e clínico, sempre há dúvidas, você sempre repensa. Mas quando chega o Internato e começa o contato com o hospital, os plantões, você vê que valeram a pena aqueles quatro anos. E mais três anos, mais dez anos...

Como foi a prática no Internato?

É a parte mais puxada, você fica sem tempo para nada, sem dormir, mas vê o fruto do seu trabalho aparecendo finalmente. Nos dois anos de Internato você passa por uns 30 módulos. Um por mês, basicamente. Em alguns meses tem mais de um, porque eles são mais curtos.

A carga do Internato é muito grande?

É aí que começam os plantões e você passa a entender como vai ser depois de formada. Você enfrenta diariamente uma carga de 12 horas atendendo gente que está nervosa, que está querendo resolver o problema de saúde que tem.

Os plantões são no Hospital das Clínicas ou no Hospital Universitário?

Nos dois. O HC é mais complexo, nele você vai aprender as exceções, os casos difíceis. No HU você aprende no dia a dia o que precisa para ser médico, coisas mais básicas que a gente precisa saber. Esse é o grande passo, saber as diferenças.

O Internato dura dois anos. Há diferença entre um ano e outro?

Geralmente os estágios do 5º ano são mais focados em enfermaria, ambulatório, coisas mais tranquilas. No 6º ano

fica um pouco mais difícil, com pronto-socorro, trauma, sala de emergência. E a carga horária aumenta. No 5º ano tem estágio em que você nem dá plantão. Você tem que estar lá de segunda a sexta-feira. No 6º ano não tem fim de semana livre. Aí já começa a vida de médico.

Além das aulas, você chegou a participar de alguma atividade científica, de extensões?

As principais atividades extracurriculares são nas Ligas Acadêmicas.

Em quais ligas você entrou?

Fiz a de Cirurgia Torácica no Unicor. Na cirurgia tem Liga de Hipertensão também, eu fui uma vez ou outra.

Qual importância teve atuar nas ligas para a sua formação?

Era a oportunidade no começo da graduação de estar em contato com os pacientes. Era uma forma de adiantar um pouco o processo para aprender o que você tem que saber mais para frente. Além das ligas, eu fui monitora de atividades de cirurgia para ensinar aos alunos mais novos as técnicas cirúrgicas. Os alunos têm a aula de técnica cirúrgica com os professores e alguns alunos mais velhos ajudam como monitores.

Em que época você fez as ligas?

Principalmente do 2º até o 4º ano, que é o período em que a gente tem mais tempo disponível.

Tem sido preocupação crescente no ensino de Medicina a questão da humanização. Qual era a orientação nesse sentido?

No currículo antigo tinha aulas de Bioética. Era mais uma visão teórica, mas nosso aprendizado ético de como lidar com o paciente foi principalmente com o ensino na beira do leito do hospital, com os professores. Na prática mesmo. É lidando com o paciente que você vê seus erros e percebe que falou alguma coisa que às vezes pode ser indelicada para o paciente. Você não devia ter abordado daquela forma, devia ter falado outra coisa. A gente tem todo o aporte teórico necessário para isso, mas só aprende mesmo na prática.

No Internato você teve pacientes que morreram?

Vários, porque no pronto-socorro atende-se muita emergência, traumas. A gente lida com vida e morte de perto.

No último ano da graduação, quais eram suas preocupações?

Minha preocupação era de em um ano me sentir apta a trabalhar sozinha. Outra preocupação era a prova de Residência, que ao longo do tempo vai ficando cada vez mais concorrida, mais difícil. E faltava tempo para estudar direcionada para essa prova.

Como foi a prova de Residência no HC, que você fez para Cirurgia Geral?

Antes a 1ª fase era escrita. Agora é uma prova teste. Isso aumentou muito a gama de conteúdo que pode ser cobrado. A faculdade toda havia se preparado para prova escrita

e, então, veio essa surpresinha. Já a 2ª fase continuou uma prova prática OSCE (Objective and Structured Clinical Examination). São cinco estações das grandes áreas, como Cirurgia, Ginecologia e Obstetrícia, Pediatria. São cinco salas, cada uma com um ator, um examinador e você. Você tem um caso clínico lá, conversa com o ator-paciente, examina-o e chega a um diagnóstico e ao tratamento.

Quando você escolheu seguir a área cirúrgica?

No 3º ano da faculdade, quando a gente tem contato com as técnicas cirúrgicas. Gostei muito daquela coisa artesanal de mexer com peça, anatomia. A cirurgia foi ficando cada vez maior para mim. Fui investindo nessa área e vi que eu gostava mesmo.

Qual é a concorrência na Residência Cirúrgica?

É de 12, 13 candidatos por vaga. As Residências mais concorridas têm em torno de 20 candidatos por vaga. Cirurgia tem mais vagas que a média, 40 e pouco. A maioria dos cursos tem 10 vagas.

Que plantões você fez durante a Residência?

Eu dei plantão de ambulância. Você fica em uma empresa de ambulâncias até ter um chamado do hospital para transportar o paciente ou pegar o paciente em casa. São plantões mais tranquilos.

No último ano da graduação uma de suas preocupações era se preparar para atender sozinha os pacientes. Como se sente agora?

Quando a gente entra em contato com médicos de fora vemos que nosso Internato foi muito bom mesmo. Às vezes você observa a pessoa de fora com dificuldades muito simples e vê a diferença de sua formação.

Você já prestou a prova do Cremesp? (Para o graduado ter acesso à Residência Médica, desde 2016, ele deve prestar a prova do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo. A prova é condição também para o registro do formado no Conselho.)

Fiz essa prova. Em algum momento ela pode virar uma prova como a da OAB, em que é preciso tirar nota mínima para exercer a profissão. Mas, hoje, a prova do Cremesp não corta ninguém. Por enquanto é uma prova mais para seu autoconhecimento da graduação, o quanto você aproveitou da graduação. Mesmo quem é reprovado pode obter o registro no Conselho.

O recém-formado em Medicina precisa trabalhar muito para conseguir bom rendimento?

Varia muito, depende do que o recém-formado vai fazer. Tenho colegas que dão plantão todo dia e estão realmente ganhando muito. Quem trabalha na média, uns dois, três plantões por semana, consegue uma renda boa.

Depois dos dois anos na Residência de cirurgia, o que você pretende fazer?

Eu pretendo fazer a prova de R3. A gente chama de R1 e R2 a Cirurgia Geral, e R3, R4 a Especialização. Pretendo prestar a prova de especialista também.

A Residência é parecida com o Internato?

É diferente. No Internato seu objetivo é aprender. Você tem responsabilidades, mas não é contratado. Nós somos contratados. Não dá para cobrar do interno a mesma coisa que do residente, que é médico. Na Residência sua responsabilidade é maior, e ainda por cima você tem de vistoriar os internos. E a carga horária é bem maior, os residentes dão mais plantões. Na minha turma de Internato nós éramos 13 a cobrir a escala dos plantões. Na Residência Cirúrgica nós somos quatro cobrindo praticamente a mesma escala.

Você acha que tem que ter certo perfil para se dar bem na Medicina?

Eu acho que tem. Tem que gostar de trabalhar. Medicina exige muito de você. Fisicamente, psicologicamente, academicamente. Você tem que estar preparado para se dedicar muito. Você tem que estudar sempre, não tem jeito. Você tem que estar ciente de que a Medicina consome muito de seu tempo.

Durante a Residência você pretende fazer algum curso?

Na Residência você vai começar a fazer trabalhos científicos com professores de sua área.

Isso faz parte da Residência?

Não, é um extra. Se quiser, você procura os professores e eles indicam que atividade pode fazer para complementar o seu curso. Fica mais puxado, mas é importante fazer.

Como você se imagina mais a frente, em relação à carreira?

Eu pretendo ficar em São Paulo mesmo, num hospital de grande porte, talvez até no HC. Tenho vontade de ser professora e ter meu consultório e pacientes próprios.

Teve alguma matéria no colégio que acabou sendo importante na faculdade?

Eu me surpreendi com Matemática e Física. Achei que não ia mais ter contato, mas a gente tem especialmente na parte de Epidemiologia. Clínico que trabalha com pesquisa científica tem que fazer muitos cálculos, muitas análises estatísticas.

Quais suas recordações do colégio?

Eu gostava muito dos professores, muito interessados em que você aprendesse, não só em passar o conteúdo. Isso fez muita falta na faculdade. Tenho saudades, o colégio foi uma época muito gostosa, você tinha responsabilidade, mas fazia tudo de uma forma tranquila. Foi muito importante para mim a organização que o Etapa me ajudou a formar, com disciplina para estudar e ir atrás dos objetivos.

Que dica você pode dar ao pessoal que vai prestar Medicina?

Eu diria que vale a pena o estudo, todo o esforço para conseguir a vaga que você quer. No colégio, para aprender, você tem muito material disponível, muito professor bom. E também vale a pena ter um tempo para você. Precisa balancear sua parte psicológica com o conhecimento.

O que mais você quer dizer aos nossos alunos atuais?

Desejar boa sorte. E que não desanimem.